



STAES 22'

Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

Nise: O coração da Loucura O processo de humanização das técnicas psiquiátricas a partir da obra cinematográfica

Tainara Santos de Assis¹

Universidade do Estado da Bahia, Dept. de Ciências da Vida campus I, Brasil¹

Email de contato: Tainaraassis02@gmail.com¹

Resumo

Baseado nas fundamentações teórico-metodológicas de autores como Marc Ferro, Marcos Napolitano e Emerson Elias Merhy dentre outros estudiosos das áreas da História e Cinema, e, Tecnologias em saúde; como também em artigos, teses e obras nos campos da Enfermagem, Medicina e Psiquiatria, o presente trabalho tem como objetivo a análise da inserção da arte no processo de humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil dentre os anos de 1940-1950 através da representação cinematográfica da doutora Nise da Silveira no filme “Nise: O coração da Loucura”. A pesquisa tem como base a leitura bibliográfica de modo então, qualitativo, acerca do movimento antimanicomial e do processo de humanização das técnicas psiquiátricas. Além de fundamentar-se nos processos metodológicos de análise das obras cinematográficas dentro da História e o uso de tecnologias leves no processo do cuidar em saúde mental através da fonte cinematográfica. Os resultados demonstram que a utilização da arte como tecnologia leve no tratamento psiquiátrico retratado pelo filme facilita o desenvolvimento de vínculos afetivos e proporciona uma atenção integral ao paciente. Gerenciando uma atenção humanizada facilitada pela análise dos arquétipos através da psicologia analítica, proporcionando assim a prevenção, promoção, humanização e a recuperação da saúde do indivíduo.

Palavras-chave: Saúde mental, saúde, tecnologia, cinema e saúde, movimento antimanicomial, humanização.

1. Introdução

Através do Decreto nº 82 de 1841 foi fundado o primeiro hospital brasileiro destinado privativamente para o tratamento de alienados denominado como Hospício D. Pedro II no estado do Rio de Janeiro. A instituição tornou-se responsável pela eliminação da desordem psíquica de todos aqueles que se enquadraram como “anormais” no período (Galdini e Dalgalarondo, 2004). [Ver figuras 1 e 2.] Durante o tratamento desses pacientes diversas técnicas previam uma minimização dos sintomas decorrentes dos transtornos mentais. O foco do tratamento era apenas a doença, o indivíduo era submetido a diversos tratamentos como o choquocardiazólico, a insulinoaterapia, ao cubículo, camisa de força e a Eletroconvulsoterapia (Guimaraes et al. 2013).

A partir desse viés é possível compreender um pouco da mentalidade médica do Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II. Tal visão reducionista do tratamento psiquiátrico foi mantida no Brasil com bastante vigor durante décadas até a histórica 8ª Conferência Nacional de Saúde no ano de 1986 e a 1ª Conferência Nacional de Saúde Mental em 1987 onde foi discutido e estabelecido um modelo assistencial antimanicomial com um caráter de tratamento humanizado



STAES 22'

Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

(Hirdes, 2009). Atualmente existem diversos estudos que buscam compreender o processo de humanização das técnicas psiquiátricas no Brasil. Tais acontecimentos são relatados em diferentes fontes históricas, uma das mais acessíveis é a fonte cinematográfica. Sob a perspectiva histórica, o cinema foi adotado pela História como uma das fontes de representação do contexto histórico abordado e também, a época em que esse mesmo conteúdo foi produzido (Pinsky, 2006). Entretanto, há pouquíssimos trabalhos que possuem uma análise historiográfica que possibilite o diálogo metodológico científico da História com a Medicina, a Enfermagem, a Psicologia e outras subáreas da grande área das ciências da vida. Autores como Galdini e Dalgalarondo (2004), Lima e Furtado (2010) destacam a necessidade do estudo da psiquiatria brasileira pelos historiadores. Outros trabalhos como o de Hirdes (2009) reforçam a ideia de que é necessário existir o diálogo historiográfico também dentro da área da saúde.

Assim, através da obra cinematográfica “Nise: o coração da loucura” é possível entender o processo de humanização no tratamento psiquiátrico no Brasil dentre os anos de 1940-1955 através da inserção da arte e das técnicas humanizadas pela médica psiquiatra Nise da Silveira. Nascida em Maceió no ano de 1905, filha de uma pianista e de um jornalista e professor de matemática. Com incentivo familiar, graduou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926. Após o falecimento de seus pais, e em meio a dificuldades financeiras, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1930, ao lado do médico sanitarista Mario Magalhães da Silveira. Nessa cidade, chegou a estagiar na clínica de neurologia de Antonio Austregésilo, um dos pioneiros do campo. Posteriormente, foi aprovada em concurso público para trabalhar no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental do Hospício Nacional de Alienados, situado na Praia Vermelha (Magaldi, 2019, p. 638-639). Ela ganhou destaque na psiquiatria brasileira após desenvolver um tratamento humanizado que se opunha à eletroconvulsoterapia, transformando atividades de terapia ocupacional como via de reabilitação dos pacientes (NISE..., 2002).

A doutora foi reconhecida por ter sido uma das maiores representantes da corrente junguiana no Brasil (NISE..., 2002) que compreendia a Psicologia como uma ciência intermediária, capaz de conciliar ideia e objeto sem violentar nem um nem outro (JUNG, 1991). Através desse tratamento os pacientes não só foram libertados de tratamentos psiquiátricos tortuosos, eles sofreram uma libertação artística e estética geradas pela criação de vínculos entre a profissional e seus pacientes a partir do uso de tecnologias leves em saúde durante as sessões de terapia ocupacional. A partir das pinturas dos seus pacientes, ela pode ter acesso a representação dos arquétipos dos seus pacientes possibilitando assim, o exercício da psicologia analítica proposta por Jung.

2. Fontes e Metodologia

O trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo revisão bibliográfica com análise documental do filme brasileiro do ano de 2015: “Nise: o coração da loucura”. Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados Scielo, Lilacs, Pubmed e BVS com leitura bibliográfica de modo qualitativo, acerca do movimento antimanicomial e do processo de humanização das técnicas psiquiátricas nos anos 1940-1955 usando os descritores: psicologia analítica, arquétipos, Nise da Silveira, humanização em psiquiatria, cinema e história, história da psiquiatria.

A partir da fundamentação teórica e metodológica nos processo de análise das obras cinematográficas dentro da História, o uso do filme nesta pesquisa é de caráter documental



secundário baseada nas ideias do autor Marco Ferro. Sobre o uso das fontes cinematográficas o autor afirma que não se deve procurar somente nelas exemplificação, confirmação ou desmentir outro saber. Mas devemos considerar as imagens tais como são com a possibilidade de apelarmos para outros saberes para melhor compreendê-las, estudando assim o filme associando ao mundo que o produz (Le Goff e Nora, 1995). Desse modo, trata-se de uma leitura cinematográfica da História, pois se utiliza o filme como uma leitura sobre o passado.

Parte do enfoque da pesquisa é a representação histórica da médica psiquiatra brasileira Nise da Silveira (1905-1999) tendo como base a análise do filme citado. Por fim, insere-se também no processo metodológico de análise da fonte o método psicanalítico desenvolvido pelo psiquiatra Carl Jung chamado Psicologia analítica ou Psicologia Junguiana, utilizados também pela protagonista durante o filme.

3. Discussão

A partir da década de 1970 os olhares historiográficos voltaram-se também para o filme. Os novos métodos da História abriram novos horizontes historiográficos, adotando o filme como um documento repleto de representações históricas coletivas. O filme histórico corresponde a um documento duplo, pois pode ser definido como um documento primário – quando nele são analisados aspectos relacionados à sua época de produção – e como documento secundário – quando possui como perspectiva a sua representação do passado (Nova, 1996). Nesse contexto, o filme usado como base de pesquisa se enquadra no perfil de documento secundário. Pois, a partir da objetificação da obra é possível analisar diversos aspectos do passado como questões políticas e de gênero (Nóvoa et al, 2009). Desse modo, o filme “Nise: o coração da loucura” se apresenta como uma excelente fonte para entender o processo de humanização das práticas psiquiátricas nos anos de 1940-1950 através da inserção de tecnologias leves no processo do cuidar.

O filme “Nise: o coração da loucura” conta a história de uma psiquiatra alagoana e brasileira que após retornar ao país depois de anos de exílio, passou a trabalhar no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, para o qual os internos da Praia Vermelha haviam sido recentemente transferidos (Magaldi, 2019). Oposta ao pensamento do médico francês Philippe Pinel o criador da psiquiatria moderna que tinha como objetivo transformar os hospícios em locais de orientação consciente e sistemática utilizando-se da observação dos fenômenos através dos princípios naturalistas como explica Galdini e Dalgalarrodo: “[...] o confinamento e o isolamento do doente eram fundamentais e visavam, ao mesmo tempo, afastá-lo do seu ambiente costumeiro, oferecer medidas de segurança à sociedade e ao próprio alienado e melhor observá-lo, para melhor tratá-lo (2004, p. 135)”. Ao deparar-se com essa visão reducionista dos tratamentos psiquiátricos ainda perpetuando aqui no Brasil, Nise da Silveira expressou total aversão a esse modo de tratamento e começou aplicar técnicas humanizadas com base na teoria junguiana. A partir da análise do filme, Nise é retratada como uma mulher empoderada que lutou contra um sistema precário e ultrapassado do tratamento psiquiátrico no Brasil. Por conta disso, sofreu represálias dentro do hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, antigamente conhecido como Centro Psiquiátrico Pedro II, e desde 2001 denominado Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS) (Magaldi, 2019). Nise tornou-se conhecida por sua contundente crítica de intervenções biomédicas então vigentes, assim como por seu trabalho com atividades expressivas como forma de tratamento em psiquiatria (Magaldi, 2019).



STAES 22'

Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

Reativando a ala de terapia ocupacional, Nise através do uso de tecnologias leves em saúde proporcionou acolhimento e libertação estética e artística dos seus pacientes além de criar vínculos afetivos. Dentro do âmbito da saúde, as tecnologias podem ser classificadas em três tipos: tecnologias duras, leve-duras e leves. Na saúde esses três tipos de tecnologias se apresentarão como: as tecnologias duras como equipamentos, máquinas e instrumentos sólidos que seriam resultado de outros momentos de produção onde os saberes estariam já estruturados e materializados de modo que já se apresentam de maneira pronta (Merhyr, 2002); As tecnologias leve-duras como normas, protocolos, e regimentos frutos de uma produção de conhecimento em áreas específicas do saber em saúde como a epidemiologia que seria capaz de proporcionar a criação de novas tecnologias em saúde; E, por fim as tecnologias ditas leves que estariam sendo produzidas e utilizadas no ato do cuidar a partir das relações subjetivas e interpessoais entre o paciente e o seu cuidador, produzindo vínculos afetivos, interação humanizada, autonomia e centralização no indivíduo do cuidado prestado sem perder a noção do coletivo através de uma análise de micropolítica (Merhyr, 2002). Assim, Nise centralizou o cuidado nos seus pacientes de maneira individual através da escuta ativa, priorizando as particularidades de cada um e suas diferentes histórias de vida e loucura dentro do setor de terapia ocupacional como é mostrado no filme. [Ver figura 3.]

Através da inserção da arte e de animais no tratamento dos pacientes, a médica percebeu mudanças gradativas no comportamento dos internos. A partir daí começou a registrar e sintetizar as suas técnicas de tratamento em obras como “O mundo das imagens” (1992). Nesta obra, Nise mostra como as imagens produzidas por pacientes esquizofrênicos podem ser usadas como um meio de aproximação entre o profissional da saúde e o paciente, consequentemente, trazendo uma melhora no estado psíquico. Segundo Nise (1992, p. 1-2), a pintura dos esquizofrênicos é muito rica em símbolos e imagens que condensam profundas significações e constituem uma linguagem arcaica de raízes universais. Linguagem arcaica, mas não morta. A linguagem simbólica desenvolve-se em várias claves e pautas, transforma-se e é transformadora. [Ver figura 4.] Tal como mostra o filme com diversos personagens, em especial o paciente Fernando Diniz, interpretado pelo ator brasileiro Fabrício Boliveira, que após ser descoberto pela médica durante as sessões veio a se tornar um artista plástico. A libertação estética e artística dos pacientes culminou na criação do Museu de Imagens do Inconsciente no de 1952 (Frayze-Pereira, 2003). Já em 1956, preocupada em resgatar a dimensão humana dos denominados "loucos", Nise da Silveira criou a Casa das Palmeiras, instituição pioneira de acolhimento, de portas sempre abertas que, na opinião de um de seus primeiros clientes, seria "um cantinho que iria modificar o mundo" (NISE..., 2002).

Desse modo, três décadas antecedendo a 1ª Conferência Nacional de Saúde Mental (Hirdes, 2009), Nise já instalava um modelo assistencial humanizado conciliando as ideias junguianas da análise fenomenológica sem violentar, reprimir ou disciplinar através da exclusão dos seus pacientes da sociedade como se acreditava ser o correto pelas ideias modernas de Pinel (Galdini e Dalgarrondo, 2004). Manter uma postura fenomenológica significava valorizar a experiência, compreendida como a experiência vivida pelo indivíduo (Lima e Diogo, 2009). Assim, ao inserir a arte como atividade na terapia ocupacional, Nise se apropriou dos aspectos imagéticos produzidos pelos seus pacientes para assim facilitar a criação dos vínculos afetivos entre paciente e profissional, além de acolher e proporcionar autonomia tanto para os pacientes quanto para os profissionais presentes naquela instituição. Pois, a partir das ideias de Jung há uma relevância da



função criativa da psique, que raciocina imageticamente, assim o equivalente racional mais próximo à atividade psíquica seria a analogia ou a metáfora (Lima e Diogo, 2009).

Além disso, através da pintura ela pôde acessar os arquétipos dos seus pacientes, assim possibilitando explicações acerca dos comportamentos e das potencialidades individuais dos mesmos. Nesse sentido, os arquétipos seriam representações que se projetam através de expressões simbólicas o drama interno e inconsciente da alma, e estas representações ajudam os indivíduos a compreender seu drama interno (Jung, 2000) e os profissionais a entender essa linguagem através da psicologia analítica. O foco terapêutico que se estabelece, por consequência, está na textura metafórica das coisas e imagens que produzem uma riqueza de insights psicológicos (Lima e Diogo, 2009) que por sua vez, abrem um caminho para um tratamento psiquiátrico mais humanizado e permite uma visão holística do indivíduo tratado. Neste processo não existiria uma preocupação em desfazer-se da imagem simbólica, ou analisar por camadas de maneira intelectual. Existiria um esforço para entender a linguagem dos símbolos colocando-nos na posição de quem aprende (ou reaprende) um idioma indo até o doente (Silveira, 1992) facilitando assim o trajeto a ser percorrido pelo profissional para entender as individualidades presentes em cada paciente.

Ademais, o uso das tecnologias leves retratadas pela obra facilita o desenvolvimento de estratégias em saúde por parte dos profissionais de maneira que estabeleça conexões para a construção de um tratamento coletivo. A partir daí, o cuidado prestado pelos profissionais proporciona uma atenção integral ao paciente gerenciando uma atenção humanizada que proporcionará a prevenção, promoção, humanização e a recuperação da saúde do indivíduo (Coelho e Jorge, 2009). Assim, no contexto apresentado pela obra cinematográfica a tecnologia se apresentou como um saber para o aprimoramento do cuidado em saúde.

4. Conclusão

Com o advento da humanização em psiquiatria, práticas abusivas de tratamento psiquiátrico foram extintas, e aos poucos, um movimento contra os manicômios foi estabelecido na sociedade brasileira. O uso da arte no tratamento psiquiátrico inicialmente foi criticado pelos profissionais da psiquiatria na época – assim como o uso de animais – entretanto, atualmente nos serviços de atendimento de psiquiatria diversas tecnologias leves estão sendo disseminadas. Esse tipo de tecnologia no âmbito da saúde se apresenta como uma forma de acolhimento e humanização, assim ampliando a aderência ao tratamento, autonomia dos pacientes e profissionais. Ademais, como retratado no filme o uso da arte como tecnologia leve permitiu que através da psicologia analítica houvesse uma ampliação dos arquétipos para a explicação dos comportamentos dos pacientes. Desse modo, facilitando o desenvolvimento das potencialidades individuais de cada interno através de um cuidado humanizado.

Sob esse viés, oficinas de arte e dança, artesanatos e culinária podem ser usadas como forma de interação entre paciente e profissional dentro de serviços de saúde mental com o intuito de melhorar a comunicação entre ambos e promover bem estar no ambiente de trabalho. Ou seja, o método serviu de benefício não somente para os pacientes psiquiátricos, mas também para aqueles que estão diretamente ligados ao tratamento deles, possibilitando o aumento da satisfação e a criação de vínculos afetivos entre os profissionais e seus pacientes.



Urge, portanto, dar o devido reconhecimento à doutora Nise da Silveira pelo seu pioneirismo nas práticas humanizadas de tratamento psiquiátrico. A utilização das tecnologias leves em saúde por parte da doutora contribui para que os profissionais possam aplicar na sua rotina de trabalho tecnologias diferentes para aprimorar os cuidados em saúde. A obra cinematográfica serviu de referência e inovação no âmbito dos estudos sobre a história da psiquiatria, além de demonstrar que é possível mesclar diferentes áreas nas pesquisas dentro das ciências da vida.

5. Figuras

Figura 1 e 2 – Decreto n.82 de 1841. Arquivo: Coleção das Leis do Império do Brasil.

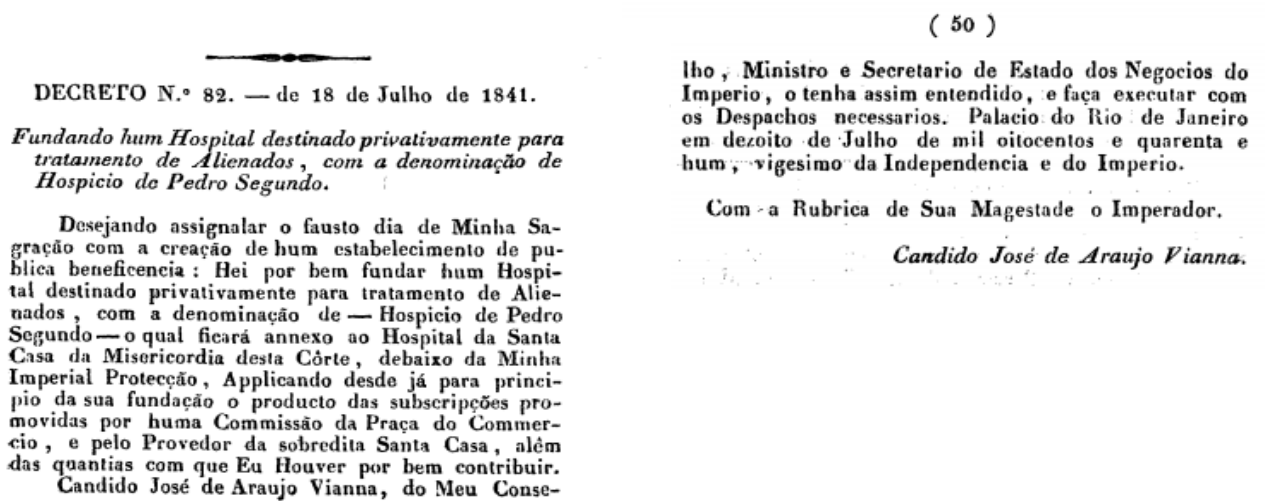
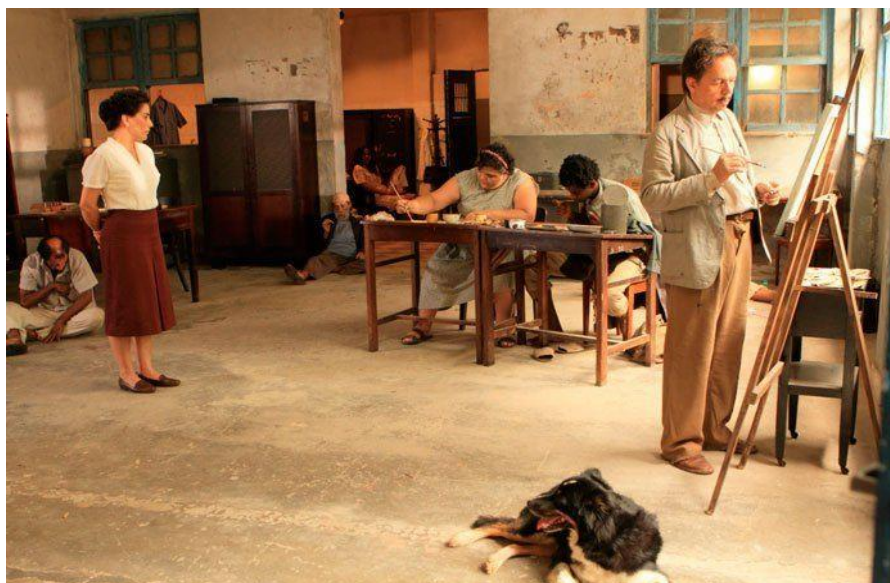


Figura 3 — Nise – interpretada pela atriz brasileira Glória Pires – observa o trabalho terapêutico dos “loucos”. Fonte: Guatá Cultura em Movimento (2016).

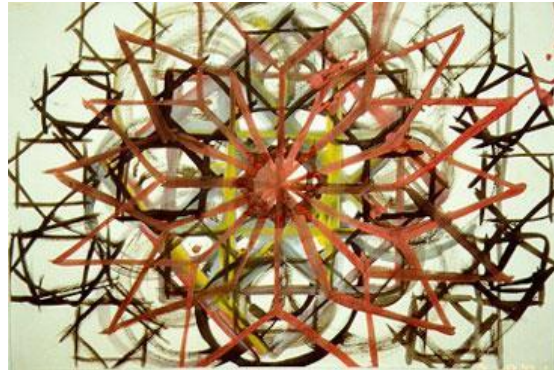




STAES 22'

Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

Figura 4 — Uma das obras do artista plástico Fernando Diniz (1918-1999). Fonte: Cinquentenário: Museu de Imagens do Inconsciente. Disponível em <<http://www.ccms.saude.gov.br/cinquentenariomuseu/fernando-diniz.php>> Acesso em 21 de outubro de 2022.



Agradecimentos

Agradeço aos usuários do Centro de Atenção Psicossocial III Tom Brasil da cidade de Alagoinhas – Bahia pela troca de saberes e experiências durante as práticas em Saúde mental na minha formação como técnica em Enfermagem. À técnica de Enfermagem Andrea Pereira de Assis pelos relatos da vivência experimentada nas atividades de terapia ocupacional em uma clínica de saúde mental da cidade de Lauro de Freitas – Bahia. Agradeço ao professor e doutor Raimundo Nonato Pereira Moreira pelas aulas de História e Cinema, História do Tempo Presente e Historiografia durante a minha passagem pelo curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Referências Bibliográficas

COELHO, M. O.; JORGE, M. S. B. 2009. *Tecnologia das relações como dispositivo do atendimento humanizado na atenção básica à saúde na perspectiva do acesso, do acolhimento e do vínculo*. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2009, v. 14. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000800026>>. Epub 08 Set 2009. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000800026>. Acessado 20 de novembro 2022.

DE ALVARENGA LIMA, A.; DIOGO, J. C. K. 2009. *Reflexões sobre a afinidade de Jung com a fenomenologia*. Ver. Abordagem Gestalt, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 13-20. Disponível em http://pepsic.bvsallud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100003&lng=pt&nrm=iso. Acessado 19 de outubro de 2022.

DE ALVARENGA LIMA, A. e FURTADO H., A., 2010. *História da psiquiatria no Brasil: uma revisão da produção historiográfica (2004-2009)*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 10, núm. 2, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. maio-agosto, pp. 572-595.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. 2003. *Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política*. Estud. av. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 197-208. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 17 de outubro de 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300012>.



STAES 22'

Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

GALDINI RAIMUNDO ODA, A. M. e DALGALARRONDO, P., 2004. *O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria*. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., VII, 1, 128-141.

GUIMARAES, A. N. et al, 2013. *Tratamento em saúde mental no modelo manicomial (1960 a 2000): histórias narradas por profissionais de enfermagem*. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 361-369. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072013000200012&lng=en&nrm=iso> . Acessado em 19 de outubro de 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000200012>.

HIRDES, A., 2009. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1): 297-305.

JUNG, C. G. 2000. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. In: *Obras Completas de C. G. Jung, vol. IX/I*. Petrópolis: Vozes.

LE GOFF, J. ; NORA, P., 1995. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MAGALDI, F., 2019. *Das memórias de Nise da Silveira no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro*. Mana [online]. v. 25, n. 3, pp. 635-665. Acessado em 17 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p635>>.

MERHY, E. E, 2002. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec.

NISE..., da Silveira, 2002. *Psicol. cienc. prof.* Brasília, v. 22, n. 1, p. 137, mar. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000100014&lng=en&nrm=iso> . acesso em 04 jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000100014>.

NOVA, C. 1996. *O cinema e o conhecimento da História*. O olho da História. Revista de História Contemporânea, v. 2, n. 3. Salvador, UFBA.

NÓVOA, J. et al. 2009. *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador; São Paulo, SP: EDUFBA; Ed. UNESP.

PINSKY, C. B., 2006. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto.

SENADO FEDERAL: Secretaria de Informação Legislativa. *Coleção das Leis do Império do Brasil*. Disponível em <<http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=385725&id=14391578&idBinario=15742236&mime=application/rtf>> Acessado em 20 de outubro de 2022.

SILVEIRA, N. D., 1992. *O mundo das imagens*. 1ª ed. Ática, 168 pp.